

**ADOCIMENTO MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL:
ANTES E DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

***Mental illness of university students in Brazil:
before and during the Covid-19 pandemic***

***Padecimiento mental de estudiantes universitarios en Brasil:
antes y durante la pandemia del Covid-19***

Rafael de Mesquita Oliveira Ferreira Freitas
Doutorando em Antropologia Social, Universidade de Brasília
E-mail: rafaelmffreitas@gmail.com

Áltera, João Pessoa, Número 14, 2022, e01411, p. 1-26

ISSN 2447-9837



RESUMO:

A piora de problemas relacionados à saúde mental durante a pandemia de Covid-19 já tem sido entendida por alguns autores como uma pandemia paralela. Os danos à saúde mental dos estudantes universitários constituem um grave e antigo problema, mas que não alcançava reconhecimento de grande parte da comunidade acadêmica até pouco tempo. Neste artigo proponho realizar um debate comparativo entre fatores importantes para a saúde mental de estudantes universitários nos períodos anterior e posterior à deflagração da pandemia de Covid-19, a fim de identificar continuidades e novidades desse encontro de pandemias. O argumento parte de uma etnografia sobre a saúde mental de universitários realizada no período anterior à pandemia de Covid-19. Em uma segunda etapa desta análise, de modo a apreender o que vem ocorrendo desde o início da pandemia no Brasil, farei uso de artigos científicos e, pontualmente, de matérias de jornais publicadas durante a pandemia. Ao fim, debato as continuidades e rupturas entre o cenário pré-pandêmico e o atual.

PALAVRAS-CHAVE:

Universidade. Saúde Mental. Pandemia. Sindemia.

ABSTRACT:

The worsening of mental health-related problems during the Covid-19 pandemic has already been understood by some authors as a parallel pandemic. The damage to the mental health of university students is a serious problem that has been present for many years, but which, however, had not been recognized by a large part of the academic community until recently. In this article I propose to carry out a comparative debate between important factors for the mental health of university students in the period before and after the Covid-19 pandemic, in order to identify continuities and novelties that this meeting of pandemics brought. As an initial argument, I take an ethnography on the mental health of university students, carried out in the period before the Covid-19 pandemic. Then, in order to understand what has been happening since the beginning of the pandemic in Brazil, I make use of scientific articles and, occasionally, newspaper articles published during the pandemic. In the end, I discuss what were the continuities and ruptures in the pre-pandemic scenario and during the current one.

KEYWORDS:

University. Mental Health. Pandemic. Syndemic.



RESUMEN:

El empeoramiento de los problemas de salud mental durante la pandemia de Covid-19 ya ha sido entendido por algunos autores como una pandemia paralela. El daño a la salud mental de los estudiantes universitarios es un problema grave y antiguo, pero hasta hace poco tiempo no era reconocido por gran parte de la comunidad académica. En este artículo propongo realizar un debate comparativo entre factores importantes para la salud mental de los estudiantes universitarios en los períodos previo y posterior al estallido de la pandemia de Covid-19, con el fin de identificar continuidades y novedades de este encuentro de pandemias. El argumento se basa en una etnografía sobre la salud mental de estudiantes universitarios realizada en el período previo a dicha pandemia. En una segunda etapa de este análisis, para comprender lo que ha estado sucediendo desde el comienzo de la pandemia en Brasil, me serviré de artículos científicos y, ocasionalmente, de periódicos publicados durante la pandemia. Al final, discuto las continuidades y rupturas entre el escenario previo a la pandemia y el actual.

PALABRAS CLAVE:

Universidad. Salud mental. Pandemia. Sindemia.



INTRODUÇÃO

A piora de problemas relacionados à saúde mental durante a pandemia de Covid-19 já tem sido entendida por alguns autores como uma pandemia paralela (YAO; CHEN; XU, 2020; VIGO et al., 2020). Os danos na saúde mental não são, porém, necessariamente decorrentes da infecção pelo coronavírus: os atingidos são pessoas da comunidade como um todo. Os impactos podem ser causados por sensações de ansiedade em relação à saúde (própria, de familiares e de conhecidos), devido à incapacidade de cuidar de forma adequada de entes adoecidos ou de realizar funerais, assim como por fatores de isolamento físico, que podem levar ao aumento de estresse e redução dos vínculos sociais (VIGO et al., 2020, p. 2).

Os danos à saúde mental dos estudantes universitários constituem um grave problema que está presente nas instituições de ensino superior há muitos anos. Entretanto, esse tema não alcançava reconhecimento de grande parte da comunidade acadêmica até recentemente. Ainda antes do surgimento da pandemia de Covid-19, o percentual de estudantes que diziam conhecer alguma dificuldade emocional era de 83,5%. A ansiedade afetava seis a cada dez estudantes; a ideia de morte afetava 10,8% da população-alvo; e o pensamento suicida, 8,5% (ANDIFES, 2019, p. 230).

Esse adoecimento existe, contudo, como uma forma de segredo público (WOODWARD, 2016): algo que é reconhecido, sentido e mensurado, mas que, por estar tão intrincado ao processo de produção de conhecimento, se mantém como uma espécie de segredo. Com a chegada da pandemia de Covid-19 no Brasil, o cenário que já vinha acumulando diversos fatores de risco para a saúde da comunidade acadêmica se somou às seguidas ondas de adoecimentos, aos debates acerca de orientações sanitárias (ou de sua ausência) e às mortes causadas pelo vírus.

A pandemia de Covid-19 encontrou no Brasil uma série de graves problemas, alguns recentes, outros mais duradouros. Somou-se, aqui, a uma crise institucional e política – esta, acompanhada de uma crise de confiança nos sistemas de peritos, o que inclui as universidades (CESARINO, 2021, p. 79); a uma crise ecológica (ROCHA, 2020); e também a outras crises sanitárias, como as dos vírus zika (FLEISCHER; LIMA, 2020; SCOTT, 2020), da dengue e da febre amarela. Em paralelo, relatórios de instituições nacionais e internacionais de saúde, a exemplo da Organização Mundial de Saúde e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), alertaram sobre danos da pandemia na saúde mental. Visto como um efeito colateral, o adoecimento mental das populações impactadas também têm necessitado de um olhar atento.

A respeito, um dos indícios notados é que o excesso de notícias e a multiplicidade de fontes não confiáveis podem levar a sentimentos de ansiedade e angústia (WHO, 2020). A magnitude da pandemia e o grau de vulnerabilidade social também



são fatores que influenciam na saúde mental (FIOCRUZ, 2020). Segundo cartilha com recomendações voltadas para o cuidado com saúde mental durante a pandemia de Covid-19, disponibilizada pela Fundação Oswaldo Cruz, algumas das estratégias recomendadas são: “reconhecer e acolher seus receios e medos, procurando pessoas de confiança para conversar”; “buscar fontes confiáveis de informação”; “compartilhar as ações e estratégias de cuidado e solidariedade, a fim de aumentar a sensação de pertença e conforto social” e “estimular o espírito solidário e incentivar a participação da comunidade” (FIOCRUZ, 2020). Os aspectos relacionados nessa cartilha encontram eco na experiência de estudantes universitários.

Neste artigo, proponho realizar uma comparação entre fatores importantes para a saúde mental de estudantes universitários, nos períodos anterior e posterior ao início da pandemia de Covid-19. Como base para o debate, tomarei uma etnografia que realizei (FREITAS, 2019), resultado de uma pesquisa iniciada em 2016 e finalizada em 2019. Em uma segunda etapa desta análise, de modo a apreender o que vem ocorrendo desde o início da pandemia no Brasil, farei uso de artigos científicos publicados em periódicos nacionais, principalmente nas áreas de Ciências Sociais e Psicologia, e, de forma mais pontual, de matérias de jornais publicadas durante os anos de 2020, 2021 e 2022 sobre temas relevantes para esta investigação.

Com a apresentação e a análise desses dois momentos distintos, pretendo demonstrar como o processo de adoecimento mental de universitários é anterior à pandemia de Covid-19, e que o choque dessas duas pandemias gera um resultado maior do que a soma dos efeitos insulados.

Na primeira parte deste artigo, mostro como, bem antes do surgimento do primeiro caso de Covid-19 no mundo, já se constatava a gerência das universidades em moldes empresariais; mas que a pandemia foi acompanhada de cortes orçamentários e crise econômica, política, sanitária e social. Essa confluência e esse encadeamento acarretaram um regime de crescente urgência e escassez de recursos, o que leva a uma otimização também crescente do tempo e das habilidades. Na lógica empresarial, os estudantes são insumos importantes na constituição de melhores indicadores e são selecionados por meio de sua performance. Como consequência, aqueles em processo de adoecimento são tornados menos interessantes para comporem o corpo discente.

A segunda parte do artigo, por outro lado, procura evidenciar como também houve rupturas nos modos de adoecimento psíquico entre estudantes universitários. A pandemia causou uma dificuldade ainda maior na criação de espaços coletivos, para a formação de estudantes reais, enquanto um coletivo que sofre, se angustia, se diverte, ama e chora. No lugar dos estudantes reais, multiplicaram-se representações virtuais, precárias e exaustas, com pouca socialização e raros espaços em comum. As



formas e as manifestações do sofrimento em questão também se tornaram diferentes. Se antes as ausências repentinas e a dificuldade intensa de concluir determinadas tarefas constituíam um quadro indicativo de um processo de adoecimento, agora esses sinais podem estar escondidos sob câmeras desligadas¹ e trancamentos de semestre.

Por fim, pretendo mostrar ainda como o adoecimento mental já atingia de forma mais intensa grupos vulnerabilizados social e economicamente, tendo a pandemia adicionado novas camadas a esse processo. Estudantes com pouco ou nenhum acesso a equipamentos eletrônicos, internet (e qualidade da conexão) e ambientes adequados para estudo tiveram uma experiência acadêmica ainda mais prejudicada em relação aos seus colegas.

Ao fim deste artigo, debato questões relevantes para a saúde mental de estudantes universitários e sua relação com as mudanças ocorridas no formato de ensino e nas trajetórias dos acadêmicos. Em comparação ao período anterior à pandemia de Covid-19, pretendo compreender quais fatores de cuidado e de risco continuam presentes e quais foram modificados.

A IDENTIDADE COMO ESTUDANTE: ENTRE O “BANCO” E A “SELVA”

Entre os anos de 2016 e 2019, desenvolvi uma pesquisa sobre saúde mental de universitários em Fortaleza/CE. A partir de 2018, essa investigação tomou como ponto central dois grupos terapêuticos que aconteceram dentro de duas universidades na cidade. Cada um dos grupos possuía uma proposta de intervenção distinta, com diferentes abordagens e encaminhamentos para as demandas das alunas. Neste artigo, não debatarei a atuação de cada grupo terapêutico de forma específica, mas sim os pontos em comum da análise a partir de ambas as intervenções. Antes, porém, faço um breve comentário sobre os grupos de forma a tornar mais compreensível o cenário no qual as narrativas e análises decorrentes se desenham.

Tais grupos terapêuticos eram sediados pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Essas universidades foram selecionadas justamente por ofertarem, durante o curso daquela investigação, grupos terapêuticos voltados às estudantes², com o objetivo de lidar com as demandas relacionadas à sua saúde mental. As duas instituições possuem perfis diferentes, assim

1 Durante o ensino remoto, muitos estudantes, em diversos cursos, optaram por ou necessitaram manter suas câmeras desligadas durante as aulas virtuais. Tal tema será abordado ao longo deste artigo.

2 Uso o gênero feminino para me referir às participantes dos grupos terapêuticos, por reconhecer a maioria de pessoas do gênero feminino que frequentaram os grupos.

como os grupos que foram realizados nelas. A UFC é a maior universidade pública no estado do Ceará, em termos de alunos matriculados e de tempo de existência. No município de Fortaleza, capital do estado, a maior parte dos cursos está dividida em três grandes regiões; o grupo terapêutico que acompanhei foi realizado no Campus do Benfica, que congrega o Centro de Humanidades, a Faculdade de Direito, a Faculdade de Economia, Administração, Ciências Atuariais e Contabilidade e a Faculdade de Educação. Houve ainda uma tentativa de instalar um grupo no Campus do Pici³, que congrega uma grande quantidade de cursos, em particular os cursos de Ciências Exatas, porém o grupo não teve continuidade neste campus, devido a uma procura menor e à assiduidade das estudantes. Tal ponto de diferença é interessante, mas não será objeto de análise aqui⁴.

O coletivo realizado na UFC, intitulado Grupo de Autocuidado, foi realizado pela equipe de um laboratório do curso de psicologia que tinha como abordagem psicoterapêutica o Psicodrama⁵. Esse grupo atuou durante todo o ano de 2018, e eu atuei como voluntário na organização. Dessa forma, estive presente nas programações e atividades administrativas do grupo e também participei de todas as reuniões, sendo inclusive responsável por dirigir alguns encontros. Para as alunas participantes, apresentei-me como pesquisador de um programa de pós-graduação em Antropologia e voluntário dentro do grupo de autocuidado. A quantidade de participantes nesse grupo não se manteve de forma fixa. Algumas alunas estiveram presentes em quase todos os encontros, mas a quantidade costumou oscilar entre quatro e quinze participantes por sessão.

O segundo grupo ocorreu na Unifor, uma universidade privada do estado, como parte de um projeto idealizado por pesquisadores dos cursos de Psicologia e Enfermagem. Ele buscava analisar o uso de um programa de *Mindfulness*⁶, de duração de quatro encontros, com fins de bem-estar e controle da ansiedade no ambiente acadêmico. Eu estive neste grupo como aluno participante e interessado na técnica,

3 Pici é um bairro de Fortaleza que abriga um dos maiores campi universitários da Universidade Federal do Ceará da capital do estado.

4 Parte dos alunos que chegaram a frequentar os grupos informava que a carga horária de atividades acadêmicas em cursos como as engenharias não possibilitava a participação de atividades de cuidado, como o grupo terapêutico. Também é válido destacar que a maior parte dos estudantes desses cursos são do gênero masculino, que geralmente constitui um público que adia mais a busca do cuidado em termos de saúde.

5 O Psicodrama é um conjunto de técnicas e teorias terapêuticas e de pesquisa terapêutica que atua sobre as relações interpessoais, com o objetivo de mobilizar recursos para vivenciar a experiência de vida a partir de alternativas para resoluções dos conflitos apresentados na terapia.

6 *Mindfulness* compreende um conjunto de técnicas, também traduzido como atenção plena. Há abordagens com distintos objetivos e aproximações com as ciências da saúde. No caso do grupo aqui analisado, trata-se de um programa terapêutico desenvolvido para ser aplicado originalmente em grupos laborais.



mas também me apresentei aos coordenadores e estudantes como pesquisador de um programa de mestrado em Antropologia. Esses encontros contaram com quinze participantes no início, das quais treze permaneceram até o final. Dessas participantes, onze eram do gênero feminino e apenas dois do gênero masculino, contando comigo.

A UFC e a Unifor possuem seus próprios canais de atendimento para as demandas de saúde mental de seus estudantes. Entretanto, tais canais de atendimento têm sido insuficientes para atender a uma demanda crescente de universitários em busca de acolhimento. É nesse cenário que os grupos terapêuticos surgem: tanto como atividades de extensão ou de pesquisa de grupos localizados dentro dessas universidades, quanto como um meio em que estudantes conseguem buscar cuidado.

Durante os encontros dos dois grupos terapêuticos que acompanhei, entrei em contato com diferentes formas criadas pelas estudantes para manifestar seus conflitos durante suas trajetórias acadêmicas. De forma verbalizada, corporal ou por meio de desenhos, as participantes foram se comunicando entre si sobre suas angústias e criando um local de acolhimento e de reconhecimento para trajetórias não reconhecidas em um perfil de estudante ideal (FREITAS, 2019, p. 112). As participantes do grupo eram, em grande parte, mulheres, com idade entre 17 e 30 anos, e estudantes de cursos de graduação. Muitas vinham de cursos dos centros de Humanidades ou de Saúde das universidades que sediaram os grupos, mas poucas dos centros de ciências exatas.

Alguns temas recorrentes trazidos pelas estudantes que participaram dos grupos terapêuticos durante a pesquisa foram “exaustão”, “sobrecarga”, “insegurança”, “distância entre o conhecimento e a vida”, “necessidade de ser competitiva”, “alcançar excelência” ou ainda de “não falhar”, “estabilidade financeira” e “demanda por ser reconhecida”. Cada um desses temas abre portas para a melhor compreensão das estudantes e suas trajetórias, e todos são importantes para pensar em formas de modificar as universidades. Alguns dos eixos mais centrais, porém, são a culpa e a competição, que podem ser cotejadas na expressão de uma interlocutora: a necessidade de “conciliar o inconciliável”. A seguir apresento uma breve explanação desses termos centrais.

Culpa foi um termo constante em minha pesquisa, mas que surgiu de formas muito distintas. Ela surgiu nas narrativas das estudantes como um sentimento de não conseguir ter resultados satisfatórios dentro dos cursos ou da profissão, de não conseguir alcançar determinados parâmetros de qualidade acadêmica, mas também porque as alunas sentiam não corresponder ao que entendiam ser as expectativas



de suas famílias, por não serem capazes de suprir financeiramente a si ou a seus parentes. De forma sintética, perpassa todas essas elaborações e vivências a sensação de não poder falhar. Invariavelmente, entretanto, as supostas falhas acontecem. Os resultados positivos não são alcançados, há rejeições, reprovações, afastamentos, ausências; prazos não são cumpridos e expectativas são quebradas. Com muita frequência, atividades de lazer antes prazerosas foram perdendo seu apreço e espaço e substituídas por uma autocobrança. O sentimento de culpa é, nesse contexto, atrelado por minhas interlocutoras a uma concepção de um mundo competitivo, que pode e irá descartar sujeitos que não consigam as melhores qualificações e, conseqüentemente, posições (FREITAS, 2019, p. 56).

A percepção da vida universitária como um ambiente de competição está ligada ao sentimento de culpa. Uma de minhas interlocutoras afirmava “estou tentando extrair o melhor de mim o tempo todo” (in FREITAS, 2019, p. 52); enquanto outra narrava que a universidade é liberdade, oportunidade e segurança, mas é também medo, solidão e competição (FREITAS, 2019, p. 92). Essa proposta de aprimoramento constante decorre do medo de ser descartada. O descarte, aqui, significa desde uma relação com colegas e professores, até a relação com familiares e com oportunidades de trabalho e estudo.

Assim, como mencionei no parágrafo anterior, as relações e atividades mais ligadas ao lazer são reduzidas, por não serem competitivas o suficiente. Em outros termos, por não resultarem na acumulação do capital necessário para alcançar melhores posições dentro do campo acadêmico. A experiência do ambiente acadêmico implica, portanto, sentir-se penalizada por reduzir um ritmo de aprimoramento em dadas situações, como quando as estudantes trancam disciplinas, se afastam das atividades acadêmicas para cuidarem de si ou usufruem de seu tempo para atividades entendidas como não produtivas (passar maior tempo com a família, os amigos, a sós) (ibidem, p. 113).

Essa entrada no tema do sofrimento mental por meio da culpa abriu o debate para entender os processos de individualização do sofrimento aos quais estudantes estão submetidos. Analisar as formas de produção do conhecimento acadêmico permite conhecer as condições que antecedem, cercam e se misturam aos fatores biográficos que, em conjunto, formam o sofrimento. Uma das contribuições da abordagem antropológica do adoecimento mental é perceber como esses fatores diversos, que não são perceptíveis por diagnóstico, se imbricam nas trajetórias das pessoas adoecidas e nas redes de relações em que estas circulam e se localizam.

Uma forma de contextualizar esse ambiente de individualização, de culpa e de competição é por meio de uma compreensão da transformação das universidades,



que assumiram cada vez mais os moldes de entidades financeiras (STRATHERN, 1997, p. 309). Com isso, faço referência à tentativa cada vez mais onipresente de elaborar instrumentos objetivos de averiguar o conhecimento ensinado pelas instituições. A agenda de produção resultante, no que diz respeito à academia, busca por posições significativas em rankings científicos, nacionais e internacionais, como meios e fins para obter investimentos e aportes financeiros, revertidos por sua vez em atividades de reconhecimento das produções dos pesquisadores. Com os parâmetros para medir o conhecimento surgem, porém, novas moralidades acerca da aquisição desse conhecimento. Dado que a performance pode ser mensurada, então objetivos e planos de ação podem e devem ser traçados (FREITAS, 2021, p. 178). Nesse cenário de transformação acadêmica e de avaliação constante, o que não é contabilizado é ignorado. Sob esse sistema moral e socioeconômico, professores e alunos precisam manter um constante aperfeiçoamento autônomo e inventivo. Não defendo, aqui, uma agenda anti-aprimoramento, mas reconheço que o adoecimento dos estudantes mostra que manter essa performance é adoecedor, especialmente quando as exigências por adaptação constante e competitividade não aparentam colocar qualquer ponto de descanso para pessoas inseridas nesse contexto (CRARY, 2014).

A transformação à qual me refiro, porém, não pode ser tratada como novidade. A concepção bancária de educação (FREIRE, 2018, p. 79) descreve bem essa situação. Um modelo de educação que entenda a pedagogia como mera transmissão de conteúdos prontos isola a vida, ou a práxis, de modo que a criatividade e a transformação dos sujeitos, que não podem ser aproveitadas pelos aspectos produtivos ou contabilizadas, fiquem de fora do cotidiano pedagógico. A educação bancária atende razoavelmente bem a um dos propósitos da universidade, a formação de uma força de trabalho, mas falha na colaboração do “pleno desenvolvimento da pessoa” (BRASIL, 1988, art. 205).

Paulo Freire localiza essa pedagogia dentro de um projeto de dominação social e de classes. A implicação para este estudo é que o mal-estar e o adoecimento não se dão entre estudantes em oposição a professores, visto que ambos estão sujeitos a adoecimentos, em contato com a mesma estrutura. Este é um formato de educação que exclui o mundo, isto é, que não toma o mundo como meio pelo qual o aprendizado ocorre (FREIRE, 2018, p. 95), afastando-o do processo de aprendizado, restando apenas um reino da razão (FREITAS, 2021).

O significado de transformação de universidades em entidades financeiras ou em bancos é a inserção de uma configuração neoliberal na educação básica de uma forma geral, incluso o ensino superior⁷. Por configuração neoliberal eu me refiro a

⁷ Vale lembrar que as formas pelas quais essa configuração surge na educação não são idênticas nos diversos níveis da educação.



uma forma de organização na qual as relações de mercado passam a ser a medida geral para as atividades sociais (POVINELLI, 2011, p. 21)⁸. Como consequência, formas de vida que não produzem valores de acordo com a lógica de mercado seriam, não só autorizadas a não receberem investimentos e acolhimento, mas também solicitadas a não obstruírem a produção. Parafraseando Povinelli, nesse cenário, vidas que não possuem valor de mercado não são vistas como dignas de cuidado (ibidem).

Um dos traços mais comuns das universidades sob os moldes do liberalismo tardio e que voltará a surgir na análise do período pandêmico é a ausência de suportes ou orientações coletivas. Quando as orientações coletivas ou formas coletivas de cuidado saem de cena, as formações de condições de acolhimento ficam ao custo do indivíduo, que deve achar por sua própria vontade e determinação formas de resistir a condições precárias ou violentas – mas cotidianas. A noção de vontade, aqui, tem os ares de álibi dessa configuração neoliberal, uma forma de culpabilizar indivíduos pelo seu sofrimento. Ao que voltamos, portanto, à culpa da qual as estudantes falavam e à importância de compreender as estruturas que contribuem para produzir sofrimento e ausência de acolhimento àqueles que adoecem e tem seu valor de mercado reduzido.

A agenda de produção presente nas universidades se materializa de forma mais evidente na busca por posições significativas em rankings científicos, na otimização de índices como o custo aluno-qualidade e nas constantes avaliações às quais universidades, cursos, professores e alunos são submetidos. Tais aspectos são também o resultado de uma busca de parâmetros sobre quanto custa a oferta de um ensino de qualidade (LIBERMAN, 2021). As instituições de ensino superior, como entidades financeiras, passam a ser regidas sob o sentido de urgência e de escassez (de recursos e de tempo), de forma que as atividades acadêmicas se voltam, prioritariamente, para melhorar seus indicadores. Entretanto, essas avaliações fazem mais do que monitorar: elas comprometem a vida daquilo que é auditado (STRATHERN, 1997, p. 305). As formas de avaliação do ensino não são meramente ferramentas neutras, mas elas atuam também sobre as relações entre membros da comunidade acadêmica e são importantes para entender o bem-estar (e a sua ausência) nesse modelo de universidade.

Volto agora às expressões que circulavam nas narrativas das estudantes que entrevistei nos grupos terapêuticos. Enquanto, em um grupo, havia a elaboração da trajetória acadêmica como uma tentativa de conciliar o inconciliável, em outro grupo terapêutico, uma das formulações que pautou os encontros foi a de que a “universidade é como uma selva” (FREITAS, 2019, p. 67). Nessa metáfora, as participantes co-

8 Povinelli (2011) analisa essa regulação das relações sociais pelas forças de mercado por meio da ação (ou ausência) do Estado e as formas como se constrói uma ética em relação com um tipo de sofrimento disperso.



municavam uma percepção da universidade como local de competição e excelência, em que não há tempo para ser frágil (ibidem, p. 125). A discussão salta das metáforas do banco, das empresas e das regras implacáveis (que elenquei também a partir dos relatos de minhas interlocutoras) para adentrar no ambiente da selva. Seria, portanto, uma inadequação pensar relações entre essas duas metáforas? Argumento que não, pois o sentido que a selva traz nessa narrativa é o de um ambiente hostil e competitivo, e para lhe sobreviver, é preciso se equipar. No contexto dos grupos terapêuticos que pesquisei, o preparo se traduziu em criar ferramentas de cuidado com a saúde mental, para ser capaz de sair da selva, ou seja, se formar.

Segundo outra interlocutora, o grupo terapêutico ou ainda outras atividades, tais como escrita não acadêmica, passeios, cinema e dança, funcionavam como uma forma de cuidado.

É uma brecha nas 24 horas. É um tempo fora do tempo, ele não pertence ao dia, pois não precisa ser, não precisa estar ali, não é obrigação. [...] As atividades me dão uma oportunidade de não pensar nem nos estudos, nem em casa. É uma oportunidade para não pensar em nada. E é bom isso. [...] Também não é um tempo para ganhar ponto, não é para ser bonita, não é para ser perfeita. É só um tempo (ANA, 2018 in FREITAS, 2019, p. 62).

O espaço de acolhimento constitui justamente um ambiente que inverte o sentido de urgência. Ao mesmo tempo, essa frase expõe veementemente a procura por um tempo que não se encaixa no cotidiano: ele está fora do tempo real e não pode pertencer às 24h do dia.

As atividades às quais ela se referia eram exercidas dentro do campus da universidade. O que ocorre, porém, quando o acesso à universidade se dá apenas por meio das aulas em salas virtuais? O que ocorre quando, estando em isolamento, os estudantes não têm um espaço fora de casa ou fora da universidade? Essas são algumas das questões que irão reverberar na próxima seção deste trabalho.

No cenário desta pesquisa, os grupos de apoio conformaram um suporte para romper os preconceitos sociais e as percepções estigmatizantes, ao buscarem ajuda para si, principalmente no momento em que a dor emocional se torna insuportável (SILVA, 2017, p. 35). O espaço de cuidado funciona como uma construção gradual da identificação do sujeito adoecido, para si e para uma comunidade de pares. O adoecimento é vivido por meio de fatores biográficos e sociais de forma simultânea. Separar os fatores de adoecimento em apenas sociais ou apenas individuais é contraproducente para entender a experiência vivida por estas estudantes. As narrativas trazem conflitos familiares, experiências pregressas e externas à universidade e vulnerabilidade financeira, por exemplo. Mas também trazem relações e queixas que se repetem para diversos outros fatores na relação com a produção, com os professores e



com a instituição. É nesse sentido que afirmo que, quando um universitário sente sua saúde mental debilitada no ambiente acadêmico, não é só um indivíduo que adocece, mas uma rede de relações na qual ele está inserido também. Dessa forma, o processo de cuidado deve ocorrer não só sobre estudantes de forma individual – apesar de esse cuidado ter sua importância –, mas deve incidir também sobre as relações entre estudantes diagnosticados e não diagnosticados, com professores, com servidores e, principalmente, com as formas de produzir os significados do que é ser membro de uma universidade. Caberá, na próxima sessão, analisar de que forma a pandemia se combina com o cenário elencado até aqui.

Seja no banco ou na selva, o que se mantém no processo de adoecimento mental dos universitários é a visão de um mundo competitivo e que seleciona o mais hábil, o mais produtivo. Boltanski e Chiapello analisaram em manuais empresariais a exaltação de empregados autônomos e inventivos que possam, por conta própria, ser capazes de se aperfeiçoarem a todo momento (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2007, p. 90). A selva também aparece enquanto metáfora para universidade como um ambiente de constante elaboração de ferramentas para sobrevivência. Assim como na empresa, é preciso ser inventivo e estar em constante superação. Entretanto, para os estudantes adoecidos, seja por depressão, ansiedade ou pânico, por exemplo, a transcendência sobre o próprio corpo e a agência não são uma realidade. O corpo e a trajetória dessas pessoas são constantemente lembrados da presença do adoecimento, que se manifesta por meio das crises, e que cresce enquanto é ignorado e forçado a assumir um determinado padrão, aquém de suas possibilidades de ser, como nos casos em que se espera certo padrão de produtividade acadêmica dos alunos (FREITAS, 2019, p. 115). Em vez de transformação e acolhimento dos estudantes, o que se encontra é medo da exclusão por ser mediano e não extraordinário.

A PANDEMIA DE COVID-19 ENTRE OS ESTUDANTES: CORTES ORÇAMENTÁRIOS, CÂMERAS DESLIGADAS E CANSAÇO

A cronologia da pandemia no mundo tem hoje algumas datas marcantes. No que concerne a este trabalho, destaco algumas. No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou que a Covid-19 era uma pandemia, mesmo alertando que esta não é uma palavra para se usar de forma leviana ou descuidada e ressaltando que o curso da catástrofe que se anunciava poderia ser modificado (WHO, 2020). Naquele momento, em todo o planeta, a quantidade de óbitos por Covid-19 era de 4.292. Dois anos depois, nos primeiros meses de 2022, a quantidade de óbitos se aproxima dos 5.9 milhões, sendo mais de 644 mil, cerca de 11% do total, somente no Brasil.



A necessidade de lidar de forma conjunta e responsável diante da pandemia já vinha sendo alertada desde março. Além do alto número de vítimas fatais que a pandemia poderia gerar, havia ainda os riscos de um impacto persistente na saúde mental. Isolamento prolongado, redes de apoio mais difíceis de acessar, medo do contágio, desemprego e dificuldades financeiras estão entre os fatores que aumentam o risco de danos à saúde mental (DW, 2021). Representantes governamentais em todos os setores (saúde, segurança, educação, comunicações, etc.) deveriam, segundo a OMS, considerar como suas ações impactam a saúde mental da população (WHO, 2020, p. 14). Entretanto, no Brasil, desde o início dos casos, as orientações governamentais ocorreram em direções muito distintas e, em diversos casos, irresponsáveis. Nesse contexto, estudantes e professores não somente tiveram que lidar com o medo de contágio e o isolamento social, mas foram forçados a se adaptarem a uma mudança de formato que modificou completamente a dinâmica de ensino e aprendizado (GANTOIS, 2020).

O primeiro caso registrado no Brasil ocorreu em fevereiro de 2020, e em 20 de março do mesmo ano foi decretado o estado de calamidade pública em território nacional. Porém, as mensagens de líderes políticos, como o presidente de República, ministros, governadores e prefeitos, foram constantemente contraditórias. O presidente fez constantes críticas às medidas de prevenção, como o isolamento social e o uso de máscaras; e três ministros da saúde e um ministro da educação foram removidos do cargo desde março de 2020.

A partir de então, ocorreram cortes diversos e constantes nos orçamentos e financiamentos das universidades. A Universidade Federal da Bahia (UFBA), por exemplo, relatou risco de suspender atividades em 2021 após redução de cerca de 18% de suas receitas, prejudicando as políticas de assistência estudantil (UFBA, 2021). A Universidade de Brasília (UnB), por sua vez, teve queda de 8,2% do orçamento. Considerando a comparação com os valores disponíveis em 2014, quando a UnB teve seu maior orçamento nos últimos oito anos, a queda é de 70%, mesmo que a universidade hoje tenha seis mil estudantes a mais em comparação a 2014 (UNB, 2021). A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) teve redução de 38% em relação ao seu orçamento em 2012 e anunciou que seria inviável manter seu funcionamento a partir de julho de 2021 (UFRJ, 2021). Esse cenário se soma a uma política de ameaças constantes à universidade,

como processos judiciais do governo contra professores, violações da autonomia universitária para a escolha de seus dirigentes, cortes de bolsas de pesquisa baseados em preferências ideológicas do governo e intimidação pública promovida pelo Planalto a cientistas e pesquisadores (CRUZ, 2021 [s. p.]).



Para estudantes que se encontram em algum grau de adoecimento mental, seria recomendado que, durante a pandemia, houvesse políticas de transição, com serviços de atenção psicossocial, protocolos de cuidado e acolhimento claros, tanto para estudantes, quanto professores e servidores das universidades (VIGO et al., 2020, p. 5). Entretanto, o cenário universitário brasileiro foi permeado de cortes de recursos e orientações confusas. Mesmo com as manifestações contrárias do presidente e dos ministros da educação, já em fevereiro de 2020, atividades presenciais de diversas universidades começaram a ser suspensas. Para citar alguns exemplos, a Universidade Federal do Ceará (UFC) suspendeu, no dia 16 de fevereiro de 2020, suas atividades acadêmicas presenciais pelo prazo de quinze dias (UFC, 2020); a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) fez o mesmo em 15 de março de 2020 (UFSC, 2020); e o mesmo ocorreu na Universidade Federal do Pará no dia 19 de março de 2020 (UFPA, 2020). Essas medidas foram adotadas, pouco a pouco, em diversas outras universidades pelo país, e em 17 de março de 2020 o Ministério da Educação apresentou a portaria que autorizava a “substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19” (BRASIL, 2020). Ainda nessa portaria, o ministério determinava que “é de responsabilidade das instituições a disponibilização de ferramentas aos alunos que permitam o acompanhamento dos conteúdos ofertados bem como a realização de avaliações” (BRASIL, 2020).

Ressalto essas datas não apenas por uma busca cronológica, mas para situar o sofrimento estudantil que estou analisando e as políticas públicas direcionadas ao ensino superior em um campo de incertezas e ausência de orientações coerentes e unificadas. Não apenas nos primeiros meses desde o primeiro caso de Covid-19 no Brasil, mas ainda hoje há conflitos constantes sobre como proceder, diante das orientações divergentes entre órgãos de saúde internacionais e diversos agentes da política institucional brasileira, como documentos recentes do ministério da saúde têm demonstrado (NEXO, 2022).

A seguir, destaco as conclusões de algumas das pesquisas realizadas com universitários durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. O objetivo desta seção é identificar fatores que podem indicar condições de risco e condições de acolhimento aos estudantes durante a interrupção das atividades presenciais.

Carvalho e Souza realizaram uma pesquisa por meio de um formulário eletrônico preenchido virtualmente por membros de comunidades universitárias pelo nordeste brasileiro (CARVALHO; SOUZA, 2021, p. 45). Os autores chamam atenção para a maneira como o formato remoto de ensino atingiu, com intensidades e moldes distintos, pessoas negras, indígenas e moradores de periferias dos grandes centros



urbanos. Dentre os problemas enfrentados pelas comunidades acadêmicas, segundo esses autores, está a adoção de novos protocolos para controle da disseminação do vírus e as

Incertezas e dificuldades que passam pelas condições de inserção no trabalho/ensino remoto, pela continuidade do recebimento de auxílios, bolsas, financiamentos, pela suspensão de contratos, entre outras questões; somadas a todo um conjunto de transformações que se apresentam nas vidas pessoais e nas relações sociais dos indivíduos (CARVALHO; SOUZA, 2021, p. 45).

Dentre as maiores preocupações dos alunos entrevistados estão o risco de vitimar alguém da família, o colapso do sistema de saúde, o aumento da miséria e da fome e a mortalidade pelo vírus (CARVALHO; SOUZA, 2021, p. 57). As apreensões dos estudantes se voltam para questões muito próximas do seu cotidiano e dos riscos aos quais eles e seus familiares estão sujeitos. As incertezas em relação ao desfecho da situação, agravadas pela ausência de adoção de medidas sanitárias de forma coesa, aumentam o grau de preocupação dos estudantes. Em suas conclusões, os autores apontam formas de minimização dos dados produzidos nesse período, como a cooperação intercomunitária e a construção e viabilização de políticas de inclusão e permanência étnico/raciais e de gênero (CARVALHO; SOUZA, 2021, p. 61). A investigação desses autores revela que as mudanças no ensino impostas pela pandemia atingem de forma desigual regiões mais carentes e seus grupos sociais vulneráveis.

Em outra pesquisa (ASSUNÇÃO-LUIZ et al., 2021), os autores buscaram avaliar o impacto da pandemia nos alunos de pós-graduação no Brasil, por meio de postagens em um grupo voltado para a comunidade discente na rede social *Facebook*. As mensagens foram classificadas em 5 grupos: 1- adaptações emergenciais na metodologia de ensino na Pós-Graduação; 2- vivências burocráticas dos pós-graduandos face à pandemia; 3- dificuldades práticas e tecnológicas no produtivismo acadêmico; 4- aspectos psicológicos no produtivismo acadêmico e; 5- macropolíticas sobre a pandemia e seus reflexos na Pós-Graduação. Os autores relataram dificuldades dos alunos em relação ao acesso à internet e às ferramentas de acesso aos materiais de estudo. Mas outros fatores também aparecem com força e se somam às dificuldades de infraestrutura. O corte das bolsas, que representa para muitos o único financiamento enquanto estudam, é visto como algo desmotivador. Uma das mensagens comunicadas no grupo analisado diz: “Vocês têm ideia do que isso significa para um pesquisador que largou tudo para se dedicar à pesquisa e do nada não tem mais bolsa?” (ASSUNÇÃO-LUIZ et al., 2021, p. 545). A incerteza em relação às condições financeiras para se manter na universidade se soma às exigências de produção e qualificação. Esse cenário se manifestou nas mensagens de duas for-



mas: como trabalho excessivo e como estagnação e falta de motivação.

Pode parecer, sob uma leitura apenas do ponto de vista da produção, que aqueles que investem em uma rotina de trabalho intensiva se saem melhor do que aqueles que se sentem estagnados e com falta de motivação, mas essa conclusão é alterada quando vemos os sentimentos presentes nos relatos de ambos os perfis identificados. No grupo número 4, das mensagens classificadas por Assunção-Luiz et al., a condição de corte de bolsas, as dificuldades de acesso às aulas e aos materiais de estudo e as cobranças em relação à produção aparecem em relatos nos quais os alunos falam de crises de ansiedade, momentos de pânico, medo, nervosismo, insônia e depressão (ASSUNÇÃO-LUIZ et al., 2021, p. 547). Contudo, os autores também apontam que mensagens de acolhimento dos medos e incertezas trocadas entre os pós-graduandos contribuíram para coletivizar as atividades e melhorar o as condições de bem-estar. O incentivo a participar de atividades que envolvam poesia, música, arte visual, leituras de lazer, documentários e filmes se destacaram como meios de distrair a mente (ibidem, p. 547).

Mudanças no formato de ensino, presentes na investigação de Assunção-Luiz et al., são também objeto de estudo da pesquisa de Maria Elisa Máximo (2021). Por meio de uma pesquisa etnográfica com estudantes universitários em uma instituição privada de Joinville durante a pandemia de Covid-19, a autora tem investigado como a adoção de novas metodologias de ensino foram mais do que meras escolhas de ferramentas. Parte da produção acadêmica que vem estudando as mudanças no ensino desde março de 2020 tem focado as desigualdades sociais e de que maneira elas determinam o acesso às ferramentas de ensino, as diferenças entre o ensino EAD e o presencial e uma prospecção dos formatos de ensino no período pós-pandêmico (MÁXIMO, 2021, p. 240). O foco de Máximo, porém, assim como o meu, é nas emoções e nas relações envolvidas neste processo. Diferentes sentimentos percorreram esse longo período de quarentena, desde euforia e entusiasmo até incerteza, esgotamento e insatisfação (ibidem, p. 236).

Em cena estavam muitos professores cheios de dúvidas sobre como cumprir seus planos de ensino, construídos com base em ementas e matrizes curriculares fortemente alicerçadas nas materialidades do ensino presencial; *estudantes ansiosos e insatisfeitos com as mudanças radicais no cotidiano universitário, constituído para além da presença nas aulas*; e gestores imersos na administração de uma crise multidimensional que incluía desde a elaboração de complexos protocolos de segurança sanitária, passando pela iminente perda de receita com as desistências ou trancamentos de matrículas, até reflexões mais complexas de ordem pedagógica e/ou de segurança emocional e psicológica de estudantes, docentes e demais empregados do corpo técnico-administrativo (MÁXIMO, 2021, p. 237, grifo meu).



A questão que guia a investigação da pesquisadora é saber qual motivo faz com que os estudantes desliguem suas câmeras durante as aulas virtuais⁹. Reconhecer a existência de um problema e que é possível, por meio da escuta dos estudantes, compreender melhor do que ele se trata foi essencial para abrir o debate. Foi assim que a pesquisadora identificou três dimensões para as câmeras ligadas e insatisfações com o ensino. As dimensões são estrutural, didática e do cotidiano. A primeira, mais reconhecida na literatura e já mencionada neste artigo, trata do acesso a ferramentas e ambientes necessários para o aprendizado (internet, computador, celular, um ambiente físico – uma mesa, por exemplo). A segunda dimensão, que também encontra eco na pesquisa de Assunção-Luiz et al., fala da dificuldade e do cansaço diante das estratégias pedagógicas adotadas e do excesso de tempo diante de telas. Por fim, na dimensão do cotidiano, estão as negociações cotidianas de um espaço onde, mesmo que as condições materiais sejam satisfeitas, permanece dividido com outras pessoas e animais e atravessado por afazeres diversos.

A autora propõe, como uma possível resposta para sua questão de investigação, que os estudantes desligam suas câmeras durante as aulas no formato virtual por perceberem que este é mais um compromisso de interação ao qual estão sujeitos constantemente; e que negar esse acesso é recusar uma demanda performática (MÁXIMO, 2021, p. 245). De acordo com a autora, o esgotamento, a falta de concentração e o desânimo não estão ligados apenas a uma sobrecarga de atividades e ao formato de ensino, mas também a um modelo de ensino que vai para além da relação virtual ou presencial, com efeitos na continuidade de uma educação bastante moldada sob a perspectiva do disciplinamento, do trabalho civilizatório, da inserção do sujeito nas lógicas da modernidade (ibidem, p. 240).

Em outro caso, Castanho et al. (2020) apresentam a experiência do Grupo Reflexivo de Apoio à Permanência da Universidade de São Paulo (GRAPUSP). As atividades do grupo partem de uma hipótese norteadora de que o sofrimento dos estudantes está conectado a uma desarticulação do viver junto ao universo acadêmico (ibidem, p. 117). Assim, os grupos terapêuticos foram elaborados para atuar contra a ideologia individualizante que escorre para dentro da universidade e é reproduzida nela.

[O] espaço de um pequeno grupo protegido, como os grupos do GRAPUSP, pode ser fundamental para que se crie um ambiente de confiança que conjugue segurança e liberdade, visando o reestabelecimento de vín-

⁹ Com o intuito de diversificar as possibilidades que essa questão pode sugerir, trago um exemplo de um debate sobre as câmeras fechadas ou abertas que teve o posicionamento da instituição do ensino. O Instituto Federal do Ceará (IFCE), no município de Umirim, forneceu aos seus estudantes cartilhas com regras e condutas para as aulas remotas. Nestas, a instituição orienta que seus alunos não liguem suas câmeras nas aulas virtuais de forma a não expor a privacidade de seus lares. Ligar a câmera, segundo a cartilha, é algo que só deveria ocorrer caso seja solicitado e se o aluno se sentir confortável.



culos de cooperação capazes de sustentar em sentido amplo os sujeitos em suas atividades de estudo, promovendo saúde ao invés de adoecimento (CASTANHO et al., 2020, p. 121).

Por último, o trabalho de Thiago Leão tem se dedicado, desde 2018, ao estudo da saúde mental dos estudantes universitários. Em uma entrevista à Carta Capital, o pesquisador falou sobre adoecimento e suicídios de estudantes ocorridos na USP (BASILIO, 2021). Em uma pesquisa feita com alunos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), já durante o período da pandemia, o autor identificou que as universidades (quando dão alguma resposta) tendem a enfrentar a questão do ponto de vista individual. As dimensões individual, coletiva, social e institucional são “indissociáveis, multideterminantes e multideterminadas, para além do quadro específico do sofrimento mental” (LEÃO; IANNI; GOTO, 2019, p. 132). O que se passa nesse cenário de sofrimento de estudantes é a transformação de adoecimento em algo coletivamente individualizado (ibidem). Ou ainda, como foi enunciado por uma de minhas interlocutoras na etnografia mencionada no início do texto, é criada uma multidão de pessoas sós (FREITAS, 2019).

Assim, diferentes técnicas de cuidado são direcionadas aos estudantes, como identificar e controlar seus sentimentos, saber se organizar, praticar atividades físicas, dormir e se alimentar bem, ressaltando uma ideia de que a falta de saúde mental é uma ausência de conhecimentos técnicos de cuidado: “é a falsa ideia de que com a técnica adequada somos capazes de administrar tudo, até mesmo nossos sentimentos e afetos, da mesma forma que um empresário administra sua empresa” (LEÃO; IANNI; GOTO, 2019, p. 134).

Os alunos entrevistados por Leão em sua pesquisa durante a pandemia identificavam seu sofrimento com a universidade, com a produção e com a cobrança por desempenho, o que aponta para a universidade como vetor do sofrimento entre os estudantes, mesmo durante uma crise de escala global (BASILIO, 2021). Um dos grandes problemas, resalta Leão, é tratar como individuais problemas que são sociais e coletivos. Além disso, o pesquisador atenta para as diferenças nas formas como a cobrança surge em grupos que até há pouco tempo não estavam presentes na universidade e que passaram a acessar esse ambiente por meio de políticas de ações afirmativas. Por fim, o autor resalta a necessidade de abrir o debate sobre o adoecimento mental na comunidade acadêmica. O silenciamento desse debate tem sido visto, em alguns casos, como solução para que comportamentos danosos não se multipliquem; contudo, o resultado disso é o isolamento de grupos de estudantes que sofrem sem se visualizar em uma comunidade.



Com preocupações em alguma medida semelhantes àquelas que movem a pesquisa de Leão, na UFC foi iniciado, em 2021, um curso de extensão intitulado Guardiões da Vida (UFC, 2021). O curso foi criado pelo programa de extensão universitária do curso de Medicina (Pravida) e inspirado em um programa internacional intitulado *Gatekeepers*. Dentre as principais metas do programa, estão as medidas de prevenção ao suicídio e o apoio à população com histórico de tentativa de suicídio ou de ideação suicida. O curso abordou conceitos como promoção de saúde mental e prevenção ao suicídio (inclusive entre LGBTQs, indígenas, migrantes e negros), autocuidado, políticas públicas em saúde mental, papel da família como rede de apoio e pandemia, entre outros pontos. Um dos idealizadores do curso, Fábio Matos, afirmou, na abertura do curso, que este é um primeiro passo para “transformar a universidade em uma universidade mais humanizada, mais sensível às necessidades das pessoas, mais acolhedora de cada um de nós em suas peculiaridades e idiossincrasias” (LIVE, 2021). Além de retomar pontos presentes nas pesquisas ressaltadas até aqui, como a atenção para minorias, a importância de políticas públicas voltadas à saúde mental e o papel das redes de apoio, essa iniciativa também atenta para um cuidado que é feito pela qualificação e pelo preparo de toda a comunidade. Dessa forma, o cuidado deixa de ser uma responsabilidade apenas do indivíduo adoecido e é distribuído através de uma rede de relações muito mais ampla.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir este artigo, gostaria de apresentar as conexões entre a pesquisa que empreendi no período anterior à pandemia de Covid-19 e as pesquisas que têm sido realizadas desde o início da ocorrência dos casos no Brasil. Pretendo apresentar alguns pontos em relação à saúde mental dos estudantes universitários que já existiam, e outros que mostraram ser particularidades deste momento.

Considerar o contexto social no qual estão inseridos os estudantes, professores e universidades é essencial para entender os processos de adoecimento e as formas de se viver com ele, seja no período anterior, seja durante a pandemia. O debate sobre a saúde mental encontra fatores novos com a pandemia, mas trata-se, antes, de um adoecimento contínuo. É importante também pensar o pós-pandemia e as particularidades que virão, como a reconstrução de laços sociais desfeitos ou mesmo nunca criados de forma presencial, como o caso de estudantes que ingressaram nas universidades durante o isolamento social.

Se, antes, o contexto de transformação das universidades em entidades financeiras vinha modificando relações e obliterando espaços de cuidado, durante a



pandemia de Covid-19, essa transformação ganhou novos moldes. Aumentaram os argumentos de escassez e urgência para justificar medidas de cortes de recursos, essenciais para a manutenção dos estudantes e para o funcionamento das universidades. Ao passo que os repasses de verbas foram reduzidos, contraditoriamente, as demandas de produtividade não diminuíram. E ainda, tais cortes nos orçamentos das universidades afetam intensamente pessoas de grupos sociais mais vulnerabilizados, resultando em um particular sofrimento para esses estudantes se manterem nas universidades.

A análise do contexto do adoecimento permite a crítica de estratégias que foquem apenas no aspecto individual da demanda por cuidado. Ressalto, aqui, que a disponibilização de atendimento em psicoterapia e psiquiatria (para citar os meios oficiais mais presentes nas universidades) são necessários. Tais mecanismos de cuidado comumente não conseguem dar conta da demanda dos estudantes. Mesmo com as clínicas-escola presentes nas universidades, o cenário mais comum é que as filas de espera para um atendimento sejam de muitos meses. Além disso, o reconhecimento desses males como algo ligado ao contexto faz com que seja necessário buscar estratégias coletivas de cuidado e acolhimento.

A tentativa de se viver a identidade de estudante como algo dominante, sem a possibilidade de se metamorfosear, implica um sofrimento cujas causas também extrapolam a academia (FREITAS, 2019). A pressão para assumir a identidade de estudante de forma única ou predominante é fortalecida e exercida por meio de um exercício de produtivismo acadêmico. O adoecimento se manifesta de forma mais frequente em momentos de distanciamento dos cursos, de ausências, de câmeras desligadas em aulas virtuais, de trancamento de matrículas e de distanciamentos dos motivos que mobilizaram esses estudantes a estarem no ensino superior. O que os autores que mencionei apontam, porém, é que fortalecer identidades distintas daquela de estudante, por meio da participação em atividades não acadêmicas, tem grande fator protetivo da saúde mental e do bem-estar.

Neste artigo, trabalhei com a ideia de uma multidão de pessoas sós, que seria ocasionada pela dificuldade de criar espaços de construção das narrativas de adoecimento. Com a necessidade de adoção das medidas sanitárias de isolamento, vejo que essa dificuldade cresceu. Os cuidados necessários envolvem uma multiplicidade de meios disponíveis, e algumas medidas têm sido tomadas para realizar esse cuidado, seja pela própria comunidade discente, seja por grupos isolados, ou, em raros casos, pelas próprias instituições. Ressalto, todavia, a necessidade de notar que, quando falamos de casos de adoecimento mental entre estudantes universitários, quem adoece não são apenas os estudantes individuais, mas toda uma comunidade que os



envolve. Dessa forma, as medidas de cuidado, acolhimento e tratamento também devem levar em conta professores, estudantes e servidores, estando adoecidos ou não, de modo a caminhar para a construção de um ambiente mais saudável. Qualificar a comunidade acadêmica para receber os alunos adoecidos implica no cuidado daqueles que compõem as próprias instituições, entendendo que o adoecimento dessas pessoas é um mal-estar ao qual todos nós estamos sujeitos.



REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **V Pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos (as) graduandos (as) das Ifes** – 2018. Brasília: Andifes, 2019.

ASSUNÇÃO-LUIZ, Alan Vinicius; PITTA, Natássia Condilo; CINTRA, Álefe Saloum; CORSI, Carlos Alexandre Curylofo; QUEIROZ, Artur Acelino Francisco Luz Nunes; FERNANDES, Ana Paula Moraes. Impacto da Covid-19 em alunos de pós-graduação. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 538-554, abr./jun. 2021. DOI: 10.14393/OT2021v23.n.2.60117

BASILIO, Ana Luiza. Suicídios na USP: A pandemia não é a única razão para o sofrimento psíquico dos estudantes. **Carta Capital**, São Paulo, 25 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/suicidios-na-usp-a-pandemia-nao-e-a-unica-razao-para-o-sofrimento-psiquico-dos-estudantes/>>. Acesso em: 14 set. 2022.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **The New Spirit of Capitalism**. (Translated by Gregory Elliot). London/New York: Verso, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 14 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 17 de março de 2020. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm>. Acesso em: 14 ago. 21.

CARVALHO, Anne Gabriele Lima Sousa de; SOUZA, Alessa Cristina Pereira de. Como a pandemia da Covid-19 vem afetando o cotidiano das comunidades universitárias do nordeste brasileiro? **Mundo Amazônico**, v. 12, n. 1, p. 43-64, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.15446/ma.v12n1.88489>>. Acesso em: 14 set. 2022.

CASTANHO, Pablo; EMÍLIO, Solange Aparecida; OLIVEIRA, Karla Carolina de Sousa; NEVES, Pedro Hikiji. Grupo Reflexivo de Apoio à Permanência da Universidade de São Paulo (GRAPUSP): uma estratégia de cuidado aos estudantes e sua adaptação ao contexto on-line. In: NASCIMENTO, Amanda; SEI, Maíra (Org.). **Intervenções psicológicas on-line: reflexões e retrato de ações**. Londrina: Clínica psicológica da UEL, 2020. p. 116-135.

CESARINO, Leticia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-8034.2021.e75630>>. Acesso em: 14 set. 2022.

CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

CRUZ, Isabela. Por que a UFRJ corre risco de paralisar suas atividades. **Nexo Jornal**, São Paulo, 11 mai. 2021. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/05/11/Por-que-a-UFRJ-corre-risco-de-paralisar-suas-atividades>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

DW [Deustche Welle]. Pandemia terá impacto prolongado na saúde mental, alerta



OMS. **DW** [Deutsche Welle], 22 jul. 2021. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/3xsbh>>. Acesso em: 14 set. 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19: Recomendações gerais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 14 set. 2022.

FLEISCHER, Soraya; LIMA, Flávia (org.). **Micro: Contribuições da antropologia**. Brasília, DF: Athalaia, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, Rafael de Mesquita Ferreira. O reino da razão: saúde mental estudantil e produção de conhecimento na universidade. **Ayé**, Aracape, v. 3, n. 1, p. 164-188, ago. 2021.

FREITAS, Rafael de Mesquita Ferreira. **Uma multidão de pessoas só**: narrativas de adoecimento e acolhimento na universidade, a partir de grupos terapêuticos. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Ceará/ Universidade da Integração da Lusofonia Afrobrasileira, Fortaleza/Redenção, 2019.

GANTOIS, Clara. Ameaça invisível: o impacto da pandemia na saúde mental dos estudantes. **Liga experimental de comunicação**, [s.l.] 29 set. 2020. Disponível em: <<https://www.liga.ufc.br/single-post/2020/09/29/amea%C3%A7a-invis%C3%ADvel-o-impacto-da-pandemia-na-sa%C3%BAde-mental-dos-estudantes>>. Acesso em: 14 set. 2022.

LEÃO, Thiago Marques; IANNI, Aurea Maria Zöllner; GOTO, Carine Sayuri. Individualização e sofrimento psíquico na universidade: entre a clínica e a empresa de si. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 6, n. 9, p. 131-143, jun. 2019.

LIBERMAN, Marina Pan Chacon. 9 pontos sobre ‘custo aluno qualidade’ e investimentos em educação. **Nexo Jornal**, São Paulo, Seção Política Públicas, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/perguntas-que-a-ciencia-ja-respondeu/2021/9-pontos-sobre-%E2%80%98custo-aluno-qualidade%E2%80%99-e-investimentos-em-educa%C3%A7%C3%A3o?utm_medium=Email&utm_campaign=selecaoopp&utm_source=ppgeral&utm_content=selecaoopp56>. Acesso em: 14 set. 2022.

LIVE de apresentação do Curso Guardiões da Vida UFC, 2021. 1 vídeo, 57 min. Publicado pelo canal Programa de Apoio e Acompanhamento Pedagógico PAAP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xlpqQ5xOAU>>. Acesso em: 14 set. 2022.

MÁXIMO, Maria Elisa. No desligar das câmeras: experiências de estudantes de ensino superior com o ensino remoto no contexto da Covid-19. **Civitas**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 235-247, mai./ago. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39973>>. Acesso em: 14 set. 2022.

NEXO JORNAL [Redação]. Ministério contraria ciência em decisão sobre cloroquina no SUS. **Nexo Jornal**, São Paulo, 22 de jan. de 2022. Disponível em: <<https://www>>.



nexojournal.com.br/extra/2022/01/22/Minist%C3%Agrio-contraria-ci%C3%Aancia-em-decis%C3%A3o-sobre-cloroquina-no-SUS>. Acesso em: 14 set. 2022.

POVINELLI, Elizabeth A. **Economies of abandonment**: social belonging and endurance in late liberalism. Durham: Duke University Press, 2011.

ROCHA, Camilo. Os dados que indicam um novo recorde no desmatamento. **Nexo Jornal**, São Paulo, 30 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2020/11/30/Os-dados-que-indicam-um-novo-recorde-no-desmatamento>>. Acesso em: 14 set. 2022.

SCOTT, Parry. Cuidados, mobilidade e poder num contexto de epidemia: relações familiares e espaços de negociação. **Mana** [online], Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 1-34, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1678-49442020v26n3a207>>. Acesso em: 14 set. 2022.

SILVA, Selma Gomes da. **Travessias entre a sala de aula e o consultório**: trajetórias docentes, adoecimento e narrativas de sofrimento psíquico de professores. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

STRATHERN, Marilyn. ‘Improving ratings’: audit in the British University system. **Eur. Rev.**, Chichester, v. 5, n. 3, p. 305-321, 1997.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB). Conselho de Administração aprova orçamento de 2021. **Notícias UnB**, 2021. Disponível em: <<https://www.noticias.unb.br/76-institucional/4979-conselho-de-administracao-aprova-orcamento-de-2021>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). Pró-Reitoria de ações afirmativas e assistência estudantil. Corte orçamentário obriga Proae a readequar política de concessão de benefícios. **UFBA** (online), 8 abr. 2021. Disponível em: <http://www.ufba.br/ufba_em_pauta/corte-orcamentario-obriga-proae-readequar-politica-de-concessao-de-beneficios>. Acesso em: 15 ago. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Coronavírus: Administração Central da UFSC decide suspender aulas presenciais. **Notícias da UFSC**, Florianópolis, 15 mar. 2020. Disponível em: <<https://noticias.ufsc.br/2020/03/coronavirus-administracao-central-da-ufsc-decide-suspender-aulas-presenciais/>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). UFC suspende atividades presenciais por 15 dias devido à pandemia de coronavírus. **UFC** (online), 2020. Disponível em: <<https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2020/14408-ufc-suspende-atividades-presenciais-por-15-dias-devido-a-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). Curso Guardiões da Vida, de promoção da saúde mental e de prevenção ao suicídio, inscreve comunidade da UFC até 21 de julho. **UFC** (online), 2021. Disponível em: <<https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2021/15827-curso-guardiaes-da-vida-de-promocao-da-saude-mental-e-de-prevencao-ao-suicidio-inscreve-comunidade-da-ufc-ate-21-de-julho>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPA). UFPA emite nota sobre suspensão de atividades acadêmicas e administrativas presenciais. **UFPA** (online), 17 mar. 2020.



Disponível em: <<https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/11452-ufpa-emite-nota-sobre-suspensao-de-atividades-academicas-e-administrativas-presenciais>>. Acesso em 14 ago. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Assessoria de Imprensa da Reitoria. Em artigo no Globo, reitora e vice-reitor denunciam que governo inviabilizará a Universidade. **Conexão UFRJ**, 6 mai. 2021. Disponível em: <<https://conexao.ufrj.br/2021/05/em-artigo-no-globo-reitora-e-vice-reitor-denunciam-que-governo-inviabilizara-a-universidade/>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

VIGO, Daniel; PATTEN, Scott; PAJER, Kathleen; KRAUSZ, Michael; TAYLOR, Steven; RUSH, Brian; RAVIOLA, Giuseppe; SAXENA, Shekhar; THORNICROFT, Graham; YATHAM, Lakshmi N. Mental health of communities during the Covid-19 pandemic. **Can J Psychiatry**, v. 65, n. 10, p. 681-687, mai./out. 2020.

WOODWARD, Kathleen. Um segredo público: o viver assistido, cuidadores, globalização. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 46, p. 17-57, abr. 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Coronavirus disease 2019 (Covid-19): Situation Report – 51. **World Health Organization**, Report 51, [s. l.], 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200311-sitrep-51-COVID-19.pdf?sfvrsn=1ba62e57_10>. Acesso em: 14 ago. 2021.

YAO, Hao; CHEN, Jian-Hua; XU, Yi-Feng. Patients with mental health disorders in the Covid-19 epidemic. **The Lancet Psychiatry**, [s. l.] v. 7, n. 4, ed. 21, 1 abr. 2020. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30090-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30090-0)>. Acesso em: 14 set. 2022.

Recebido em: 25/02/2022

Aceito para publicação em: 15/07/2022

